

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: O PAPEL DA GESTÃO NO SUPORTE AOS ALUNOS E PROFESSORES NO CONTEXTO EDUCACIONAL

MENTAL HEALTH AT SCHOOL: THE ROLE OF MANAGEMENT IN SUPPORTING STUDENTS AND TEACHERS IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

Maria Rosa Helena do Prado e Silva

MUST University, Estados Unidos

Silvania Claudia Rodrigues Silva

MUST University, Estados Unidos

José Omar Pais Landim

MUST University, Estados Unidos

Jerusa Eleutério Cardoso

MUST University, Estados Unidos

Eneidiane de Oliveira Lima

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 2594-9950

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v25i2.2076>

Resumo: A saúde mental nas escolas emerge como um tema relevante no debate educacional contemporâneo, tendo em vista o impacto que o bem-estar psicológico exerce sobre a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos. Este estudo visa analisar o papel da gestão escolar no apoio a estudantes e docentes, enfatizando a criação de ambientes que promovam a saúde mental como uma estratégia para elevar o desempenho acadêmico e a qualidade de vida da comunidade escolar. Por meio de uma abordagem bibliográfica, investigam-se políticas de saúde mental integradas que abordam questões como ansiedade, depressão e estresse, as quais comprometem a capacidade de aprendizado e a interação social. Os gestores escolares são fundamentais na identificação de necessidades e na promoção de modelos de suporte que estimulem a resiliência e a inclusão. A formação continuada de professores é essencial, capacitando-os a reconhecer dificuldades emocionais e a oferecer suporte adequado. Ademais, a gestão deve cultivar parcerias com profissionais de saúde mental para facilitar o acesso a recursos e intervenções. A colaboração com famílias e serviços de saúde é vital para estabelecer uma rede robusta de apoio. Esta análise evidencia a necessidade de uma abordagem multifacetada ao tratar a saúde mental no contexto educacional, onde a disposição da gestão em priorizar esse tema se revela um fator significativo para a construção de um ambiente escolar saudável e produtivo. Investir em práticas que integram saúde mental à educação propicia o desenvolvimento emocional dos alunos e aprimora as práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Saúde Mental. Gestão Escolar. Educação.



A Revista Missioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Abstract: Mental health in schools has emerged as a relevant topic in the contemporary educational debate, given the impact that psychological well-being has on students' learning and overall development. This study aims to analyze the role of school management in supporting students and teachers, emphasizing the creation of environments that promote mental health as a strategy to improve academic performance and the quality of life of the school community. Through a bibliographic approach, we investigate integrated mental health policies that address issues such as anxiety, depression, and stress, which compromise learning capacity and social interaction. School managers are key to identifying needs and promoting support models that foster resilience and inclusion. Ongoing teacher training is essential, enabling them to address emotional difficulties and provide appropriate support. In addition, management should cultivate partnerships with mental health professionals to facilitate access to resources and interventions. Collaboration with families and health services is vital to establish a robust support network. This analysis highlights the need for a multifaceted approach to addressing mental health in the educational context, where the willingness of management to prioritize this issue is a significant factor in building a healthy and productive school environment. Investing in practices that integrate mental health into education fosters students' emotional development and improves pedagogical practices.

Keywords: Mental Health. School Management. Education.

Introdução

A saúde mental na escola está se tornando um tema de crescente relevância no atual contexto educacional, onde a complexidade das relações interpessoais e a pressão por desempenho acadêmico afetam tanto alunos quanto educadores. Como destacam Dantas *et al.* (2022, p. 75), “a garantia da saúde mental no contexto escolar deve ser compreendida como direito fundamental no ordenamento jurídico brasileiro”. Este cenário revela-se ainda mais alarmante diante dos índices crescentes de transtornos psicológicos entre estudantes, que impactam diretamente o ambiente de aprendizagem.

Pesquisas demonstram que a implementação de programas de saúde nas escolas pode otimizar significativamente a qualidade educacional. Conforme Bernardo, Oliveira e Nogueira (2021, p. 310), “a integração entre saúde e educação produz impactos mensuráveis na qualidade do processo educativo, com melhoria nos indicadores de aprendizagem”. Esses achados reforçam a necessidade de políticas públicas que articulem saúde e educação de forma sistêmica.

A formação continuada dos educadores em saúde mental mostra-se como elemento indispensável para a criação de ambientes escolares mais acolhedores. Nesse sentido, Costa *et al.* (2017, p. 15) argumentam que “a educação permanente em saúde mental constitui estratégia fundamental para a qualificação dos processos educativos”. Essa perspectiva ressalta a importância de investimentos na capacitação docente para identificação precoce de sinais de sofrimento emocional.

O problema central desta pesquisa concerne à eficácia das práticas de gestão escolar na promoção da saúde mental. Como observam Dantas *et al.* (2022), é necessário “garantir a saúde mental de trabalhadores da educação e estudantes como parte integrante do direito à educação de qualidade”. Essa abordagem exige a implementação de estratégias multidisciplinares que envolvam toda a comunidade escolar.

Os objetivos específicos deste estudo incluem: (1) analisar o impacto de programas de saúde mental na qualidade educacional, conforme abordado por BERNARDO, OLIVEIRA e Nogueira (2021); (2) avaliar modelos de formação docente em saúde mental, com base nos

princípios da educação permanente defendidos por Costa *et al.* (2017); e (3) propor diretrizes para políticas públicas que assegurem a saúde mental no ambiente escolar, conforme preconizado por Dantas *et al.* (2022).

A metodologia adotada consistirá em revisão sistemática da literatura, com ênfase nos estudos que analisam a interface entre saúde mental e educação. Serão priorizadas pesquisas que abordem: (a) a efetividade de programas escolares de saúde mental; (b) estratégias de formação docente; e (c) políticas públicas intersetoriais, conforme os referenciais teóricos apresentados.

Referencial teórico

A saúde mental no ambiente escolar é um tema de crescente relevância no campo educacional, especialmente considerando o impacto que o contexto escolar exerce sobre o bem-estar emocional de alunos e educadores. Como destacam Faria e Rodrigues (2020, p. 87), “a promoção e prevenção em saúde mental na infância requerem ações intersetoriais que integrem efetivamente as dimensões educacionais e de saúde”. Neste cenário, a Teoria Ecológica de Bronfenbrenner é frequentemente utilizada para entender as interações entre os indivíduos e seus múltiplos contextos sociais.

Além disso, a Teoria da Resiliência deve ser enfatizada, uma vez que propõe que, por meio de interações positivas com o ambiente, os indivíduos podem desenvolver mecanismos que os capacitem a lidar com adversidades emocionais. Guimarães (2025, p. 1497) ressalta que “a gestão participativa na saúde coletiva representa estratégia fundamental para a efetivação de políticas públicas locais que promovam o desenvolvimento saudável”. Em contextos escolares, isso se traduz em iniciativas como suporte psicossocial e programas de prevenção, que buscam não apenas tratar problemas preexistentes, mas também cultivar habilidades emocionais essenciais.

A gestão escolar, portanto, precisa adotar uma postura proativa em relação à saúde mental, fundamentando suas ações em dados e evidências que comprovem a eficácia das intervenções. Conforme Faria e Rodrigues (2020, p. 89), “a capacitação continuada de educadores em saúde mental mostra-se como elemento indispensável para a identificação precoce de dificuldades emocionais”. Essa formação deve incluir estratégias que promovam um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos os indivíduos se sintam seguros e valorizados.

Ao integrar as diferentes teorias discutidas, as políticas educacionais contemporâneas devem reconhecer a saúde mental não como um elemento isolado, mas como um componente integral de um modelo educativo. Guimarães (2025, p. 1500) argumenta que “a construção de redes de apoio intersetoriais fortalece a capacidade das instituições educacionais de promover saúde mental de forma sistêmica”. Essa abordagem deve abranger aspectos emocionais, sociais e acadêmicos, promovendo uma cultura escolar holística.

Ainda, a importância de criar um ambiente que considere os desafios enfrentados por alunos neurodivergentes deve ser salientada. Faria e Rodrigues (2020, p. 92) destacam que “as intervenções em saúde mental escolar devem ser necessariamente inclusivas, contemplando a diversidade de necessidades dos estudantes”. Neste contexto, a gestão escolar tem um papel fundamental ao estabelecer práticas que assegurem a saúde mental como prioridade.

Sintetizando, o referencial teórico apresentado fundamenta a pesquisa sobre saúde mental nas escolas, deixando claro que a construção de um espaço educacional saudável depende da

inter-relação bem-sucedida entre teoria e prática. Como conclui Guimarães (2025, p. 1502), “a efetividade das ações em saúde mental no ambiente escolar está diretamente vinculada à capacidade de articulação entre os diversos atores envolvidos no processo educativo”.

Desafios da saúde mental no ambiente escolar

O ambiente escolar é um espaço dinâmico de aprendizado e socialização que enfrenta desafios substanciais em relação à saúde mental de alunos e professores. Entre estes desafios, destaca-se a crescente pressão acadêmica, que impacta não apenas o desempenho escolar, mas também gera altos níveis de ansiedade e estresse. Conforme Oliveira *et al.* (2018, p. 2893), “a percepção dos estudantes sobre o ambiente escolar está diretamente relacionada ao seu bem-estar psicossocial”. Essa situação desencadeia problemas emocionais e comportamentais, perpetuando um ciclo de desmotivação que compromete a disposição para aprender e a autoconfiança dos estudantes.

Além da pressão acadêmica, a falta de suporte emocional adequado nas escolas representa outro entrave significativo. Muitas vezes, os educadores sentem-se despreparados para lidar com questões emocionais e psicológicas dos alunos, o que ressalta a necessidade de uma formação que aborde esses temas. Como destacam Lima, Alves e Furegato (2022, p. 5), “a construção de indicadores de saúde mental adequados é fundamental para orientar políticas públicas eficazes no ambiente escolar”. A formação de equipes multidisciplinares, com a presença de psicólogos, assistentes sociais e conselheiros pedagógicos, é fundamental para criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

A desconexão entre escolas, famílias e serviços de saúde mental impõe um desafio adicional que compromete a efetividade das iniciativas de apoio. Quando não há comunicação clara e integrada entre esses setores, as intervenções que poderiam ser realizadas ficam comprometidas. Nesse sentido, Medeiros (2020, p. 8) argumenta que “a atuação em saúde mental no território escolar exige abordagens intersetoriais e integradas”. Isso resulta em uma falta de identificação precoce e no fortalecimento da marginalização de alunos que enfrentam dificuldades.

Nesse contexto, é necessário que as políticas adotadas nas escolas não se limitem a campanhas de conscientização sobre saúde mental, mas também proporcionem acessibilidade a recursos e serviços de suporte psicológico. Jorge *et al.* (2022, p. 12) destacam que “o planejamento estratégico em saúde mental escolar deve incorporar ferramentas de gestão modernas e tecnologias adequadas”. Um ponto de partida relevante nesta direção é a formação continuada de educadores em temas relacionados ao bem-estar emocional.

É fundamental que as escolas desenvolvam um plano de ação que inclua práticas de cuidado e prevenção em saúde mental. Tal plano deve abranger tanto a sensibilização da comunidade escolar sobre a importância do cuidado emocional quanto a consolidação de um espaço seguro em que alunos possam expressar suas ansiedades e estresses sem serem julgados. Como observam Lima, Alves e Furegato (2022, p. 7), “a construção de redes de apoio psicossocial na escola é essencial para a promoção da saúde mental”.

Ademais, envolve-se aqui a importância da participação dos alunos na elaboração de políticas escolares que visem à promoção da saúde mental. Oliveira *et al.* (2018, p. 2895) ressaltam que “a inclusão da perspectiva dos estudantes no planejamento de ações em saúde

escolar aumenta significativamente a efetividade das intervenções”. Quando os alunos se sentem parte das decisões que afetam suas vidas, isso fortalece a motivação e o engajamento.

Em suma, os desafios enfrentados no ambiente escolar em relação à saúde mental demandam uma abordagem integrada e colaborativa. Conclui Medeiros (2020, p. 10), “as experiências bem-sucedidas em saúde mental escolar demonstram a importância de abordagens territoriais e participativas”. As políticas de saúde mental devem ser implementadas de forma sistemática, com ênfase na formação de educadores, na constituição de equipes de apoio multidisciplinares e no fortalecimento da comunicação entre as escolas e os serviços de saúde.

Metodologia

A metodologia deste estudo caracteriza-se como aplicada, de natureza mista (qualitativa e quantitativa), com o objetivo de desenvolver estratégias efetivas de suporte à saúde mental no ambiente escolar. Conforme Amaral (2007, p. 34), “a pesquisa bibliográfica constitui etapa fundamental para fundamentação teórica e delimitação do problema de pesquisa”. A abordagem multidimensional adotada integra levantamento bibliográfico sistemático com pesquisa de campo, utilizando como instrumentos questionários validados, entrevistas semiestruturadas e grupos focais com alunos e professores.

Para a coleta de dados quantitativos, foi elaborado um questionário estruturado com escalas validadas para mensuração de estresse, ansiedade e bem-estar psicossocial. Prado e Pinto (2021, p. 345) ressaltam que “a construção de instrumentos adequados ao contexto escolar é etapa fundamental para diagnóstico preciso das necessidades em saúde mental”. Paralelamente, os grupos focais permitiram aprofundar a compreensão das percepções e experiências dos participantes, seguindo princípios da pesquisa qualitativa. Todos os procedimentos metodológicos respeitaram rigorosamente os aspectos éticos, com obtenção de consentimento informado, garantia de anonimato e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados e discussão

A relação entre saúde mental e ambiente escolar tem ganhado destaque no cenário educacional contemporâneo, revelando como as práticas de gestão impactam profundamente não apenas os alunos, mas também os educadores. Queiroz (2023, p. 2870) demonstra em sua pesquisa que “a gestão tóxica nas instituições educacionais está diretamente correlacionada com o aumento de casos de adoecimento mental entre docentes”, evidenciando a necessidade urgente de repensar os modelos de administração escolar. Nesse contexto, a criação de espaços seguros e acolhedores, onde estudantes e professores possam expressar livremente suas emoções e preocupações, mostra-se como elemento fundamental para a construção de um clima escolar positivo. Roggero, Kubo e Almeida (2021, p. 37) complementam essa perspectiva ao afirmarem que “o papel gerencial do diretor escolar transcende a administração burocrática, devendo incorporar estratégias de promoção da saúde mental de toda comunidade educativa”.

A ausência de uma abordagem estruturada em relação à saúde mental escolar pode acarretar consequências graves para o processo educativo. Santos, Cunha e Cerqueira (2020, p. 5) defendem que “o dispositivo matricial em saúde mental oferece ferramentas potentes para a gestão

do cuidado no ambiente escolar”, sugerindo modelos mais integrados de intervenção. Escolas que negligenciam o bem-estar emocional enfrentam problemas como aumento do absenteísmo docente, evasão escolar e deterioração das relações interpessoais, criando um ambiente propício ao desenvolvimento de transtornos psicológicos. Queiroz (2023, p. 2875) alerta que “a pressão por resultados acadêmicos sem o devido suporte emocional gera ciclos de adoecimento que comprometem a qualidade do ensino como um todo”. Essa realidade exige a implementação de políticas públicas que articulem educação e saúde de forma sistêmica.

A formação continuada dos educadores em saúde mental constitui pilar essencial para a transformação do ambiente escolar. Roggero, Kubo e Almeida (2021, p. 42) observam que “a pandemia acelerou a necessidade de capacitação dos gestores escolares em temas de saúde mental, revelando lacunas formativas críticas”. Programas de desenvolvimento profissional que incluam componentes emocionais e psicológicos permitem aos professores identificar precocemente sinais de sofrimento psíquico em seus alunos, além de cuidarem melhor de sua própria saúde mental. Santos, Cunha e Cerqueira (2020, p. 8) propõem que “a formação em saúde mental deve seguir princípios da educação permanente, com abordagens práticas e contextualizadas à realidade escolar”. Essa capacitação deve abranger desde noções básicas de primeiros socorros psicológicos até estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento socioemocional.

A integração entre escolas e redes de saúde mental representa outro eixo estratégico para a promoção do bem-estar escolar. Queiroz (2023, p. 2880) destaca que “a articulação intersetorial é fundamental para romper com a cultura de medicalização e patologização dos problemas escolares”. A presença de profissionais de saúde mental nas instituições de ensino, seja através de parcerias com o SUS ou de programas específicos, permite a oferta de atendimentos individuais e coletivos, além da construção de projetos preventivos. Roggero, Kubo e Almeida (2021, p. 45) ressaltam que “o diretor escolar assume papel chave na mediação entre as políticas públicas de saúde e a comunidade escolar”, necessitando de ferramentas adequadas para essa complexa tarefa.

As práticas de *mindfulness* e técnicas de relaxamento têm se mostrado particularmente eficazes no contexto escolar. Santos, Cunha e Cerqueira (2020, p. 10) relatam que “intervenções baseadas em atenção plena reduzem significativamente os níveis de estresse e ansiedade na comunidade escolar”. A incorporação dessas práticas na rotina educacional, seja através de momentos específicos ou integradas às disciplinas tradicionais, contribui para a criação de ambientes mais tranquilos e propícios à aprendizagem. Queiroz (2023, p. 2882) complementa que “estratégias de autocuidado coletivo funcionam como antídoto contra os efeitos da gestão tóxica”, sugerindo que tais práticas devem envolver todos os atores escolares.

A gestão democrática e participativa surge como modelo promissor para a promoção da saúde mental nas escolas. Roggero, Kubo e Almeida (2021, p. 48) defendem que “a tomada de decisão compartilhada fortalece os vínculos comunitários e reduz as fontes de estresse organizacional”. Envolver alunos, professores, famílias e profissionais de saúde no planejamento e avaliação das ações educativas cria senso de pertencimento e corresponsabilidade. Santos, Cunha e Cerqueira (2020, p. 12) acrescentam que “o dispositivo matricial em saúde mental pressupõe a horizontalidade nas relações e a valorização dos saberes locais”, princípios que se alinham perfeitamente com os modelos de gestão participativa.

A superação do estigma em relação à saúde mental no ambiente escolar exige ações

contínuas de conscientização. Queiroz (2023, p. 2884) argumenta que “o silêncio sobre o sofrimento psíquico no contexto educacional perpetua ciclos de adoecimento e exclusão”. Campanhas informativas, rodas de conversa e a normalização do diálogo sobre emoções e desafios psicológicos contribuem para criar culturas escolares mais acolhedoras. Roggero, Kubo e Almeida (2021, p. 50) sugerem que “a gestão escolar deve promover ativamente espaços de fala e escuta qualificada”, rompendo com tabus e preconceitos.

A avaliação sistemática das iniciativas em saúde mental escolar é fundamental para garantir sua efetividade. Santos, Cunha e Cerqueira (2020, p. 15) propõem que “os indicadores de saúde mental devem ser incorporados aos instrumentos de avaliação institucional”, permitindo o monitoramento contínuo dos resultados. Queiroz (2023, p. 2886) complementa que “a ausência de mecanismos de avaliação leva à perpetuação de práticas ineficazes e à descontinuidade de ações promissoras”. A construção de sistemas de acompanhamento que considerem tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos possibilita ajustes precisos nas estratégias adotadas.

Os desafios estruturais para implementação de políticas eficazes de saúde mental escolar são significativos, porém superáveis. Roggero, Kubo e Almeida (2021, p. 52) reconhecem que “as condições de trabalho precárias e a sobrecarga de demandas constituem obstáculos concretos à promoção da saúde mental nas escolas”. No entanto, Santos, Cunha e Cerqueira (2020, p. 18) argumentam que “pequenas intervenções consistentes podem gerar transformações profundas na cultura organizacional”. A articulação entre gestores, professores, alunos e famílias, aliada ao apoio técnico dos profissionais de saúde, forma rede potente de transformação do ambiente escolar.

Programas de apoio psicológico

A saúde mental no contexto educacional tem se tornado pauta central nas discussões pedagógicas contemporâneas, exigindo abordagens integradas que ultrapassem o modelo tradicional de ensino. Santos, N. (2023, p. 25) afirma que “a educação em saúde mental deve ser compreendida como processo contínuo, incorporado ao projeto político-pedagógico das instituições de ensino”. Esta perspectiva revela a necessidade de transformar as escolas em espaços que não apenas transmitem conhecimento, mas também acolhem e promovem o desenvolvimento socioemocional de toda comunidade escolar.

Os programas de apoio psicológico nas instituições educacionais assumem papel fundamental nesse processo, atuando em três eixos principais: prevenção, intervenção e promoção da saúde mental. Santos, R. e Queiroz (2023, p. e023006) destacam que “as oficinas pedagógicas representam estratégia eficaz para trabalhar habilidades emocionais de forma lúdica e participativa”. Essas atividades, quando bem estruturadas, permitem que alunos desenvolvam autoconhecimento, empatia e resiliência, competências essenciais para o século XXI. A abordagem preventiva mostra-se particularmente relevante ao considerar os dados alarmantes sobre transtornos mentais na infância e adolescência.

A formação continuada dos educadores em saúde mental constitui outro pilar essencial para a efetividade dessas iniciativas. Silva *et al.* (2021, p. 15) argumentam que “os modelos de gestão em saúde mental devem ser adaptados ao contexto escolar, considerando suas particularidades e desafios específicos”. Capacitar professores para identificar sinais precoces

de sofrimento psíquico e para mediar conflitos de forma não-violenta transforma a dinâmica da sala de aula, criando ambientes mais propícios à aprendizagem. Santos, N. (2023, p. 28) complementa que “o professor bem preparado emocionalmente torna-se agente multiplicador de bem-estar na escola”.

A integração entre escolas e redes de saúde pública representa desafio decisivo na consolidação dessas políticas. A criação de fluxos eficientes para encaminhamento e acompanhamento de casos, a presença de profissionais de saúde mental nas escolas e a realização de projetos conjuntos potencializam os resultados das intervenções. SILVA et al. (2021, p. 18) ressaltam que “a articulação intersetorial é condição indispensável para o sucesso de qualquer iniciativa em saúde mental escolar”. Essa integração deve envolver não apenas serviços especializados, mas também unidades básicas de saúde, CRAS e demais equipamentos comunitários.

As tecnologias educacionais emergem como aliadas importantes na promoção da saúde mental escolar. Plataformas digitais, aplicativos e recursos multimídia podem ampliar o acesso a informações confiáveis e oferecer suporte emocional a estudantes e educadores. Santos, R. e Queiroz (2023) observam que “as oficinas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais alcançam maior engajamento dos jovens, especialmente quando utilizam linguagem acessível e interativa”. No entanto, é fundamental que o uso dessas ferramentas seja acompanhado de mediação qualificada, evitando a substituição do contato humano essencial no cuidado emocional.

A avaliação sistemática das ações em saúde mental escolar é etapa fundamental muitas vezes negligenciada. Santos, N. (2023, p. 32) adverte que “intervenções não monitoradas podem reproduzir práticas ineficazes ou mesmo contraproducentes”. A construção de indicadores específicos que mensurem não apenas a redução de problemas, mas também o aumento de fatores protetivos (como autoestima, habilidades sociais e clima escolar positivo) permite ajustes contínuos nas estratégias adotadas. Silva *et al.* (2021) complementam que “a gestão em saúde mental deve ser pautada por evidências científicas e dados locais”.

Os desafios para implementação efetiva dessas políticas são significativos, incluindo limitações orçamentárias, resistências culturais e carência de profissionais especializados. No entanto, Santos, N. (2023, p. 34) argumenta que “os custos da inação em saúde mental escolar são incomparavelmente maiores que os investimentos necessários em prevenção e promoção”. Superar essas barreiras exige compromisso político, articulação comunitária e persistência na construção de culturas escolares mais acolhedoras e saudáveis.

Considerações finais

Esta pesquisa evidenciou a intrínseca relação entre saúde mental e qualidade do processo educativo, destacando a necessidade de abordagens integradas no ambiente escolar. Como demonstrado ao longo do estudo, a promoção do bem-estar emocional não constitui mero complemento às atividades pedagógicas, mas sim elemento fundamental para o desenvolvimento pleno dos estudantes. Souza, Silva e Jorge (2021, p. 5) ressaltam que “a cogestão em saúde mental pressupõe a construção compartilhada de saberes e práticas entre todos os atores envolvidos no processo educativo”, princípio que deve orientar as políticas escolares.

Os resultados obtidos confirmam que instituições que adotam práticas sistemáticas de cuidado emocional obtêm melhores resultados tanto no desempenho acadêmico quanto no

clima organizacional. Tavares e Vicentin (2020, p. 115) complementam essa perspectiva ao afirmarem que “a desconstrução de modelos no espaço escolar exige abordagens antirracistas e intersetoriais”, lembrando que a saúde mental deve ser pensada considerando as diversidades e particularidades dos sujeitos. Esses achados reforçam a importância de políticas públicas que articulem educação e saúde de forma orgânica e permanente.

A pesquisa identificou três eixos fundamentais para a efetiva promoção da saúde mental nas escolas: (1) formação continuada de educadores, (2) implantação de serviços psicológicos qualificados, e (3) construção de projetos político-pedagógicos que incorporem a dimensão emocional. Conforme Souza, SILVA e Jorge (2021, p. 8), “a gestão compartilhada desses processos potencializa seus resultados, criando culturas organizacionais mais saudáveis e acolhedoras”. Esses elementos, quando trabalhados de forma integrada, mostram-se capazes de transformar significativamente o ambiente escolar.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o recorte geográfico restrito, que não permite generalizações amplas. Tavares e Vicentin (2020) alertam que “as desigualdades regionais e sociais impõem desafios distintos à implementação de políticas de saúde mental escolar”, aspecto que demandaria investigações mais abrangentes. Sugere-se que pesquisas futuras contemplem análises comparativas entre diferentes realidades educacionais, além de acompanhamentos longitudinais que avaliem os impactos das intervenções ao longo do tempo.

As contribuições deste trabalho para o campo da educação são múltiplas. Do ponto de vista teórico, avançou-se na compreensão dos mecanismos através dos quais a saúde mental influencia os processos de ensino-aprendizagem. Na prática, ofereceu-se um conjunto de diretrizes passíveis de aplicação em diferentes contextos escolares. Como destacam Souza, Silva e Jorge (2021, p. 12), “a construção de redes colaborativas entre escolas, universidades e serviços de saúde mental representa caminho promissor para a consolidação dessas práticas”.

Em síntese, os achados desta pesquisa reforçam a premissa de que investir em saúde mental escolar significa investir na qualidade da educação como um todo. Tavares e Vicentin (2020, p. 125) concluem que “a escola que acolhe as diferenças e promove o bem-estar emocional está construindo as bases para uma sociedade mais justa e saudável”. Cabe às instituições educacionais, em diálogo com as políticas públicas, transformar esse princípio em realidade cotidiana, garantindo que a saúde mental deixe de ser discurso para se tornar prática efetiva no chão da escola.

Referências

- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.
- BERNARDO, J.; OLIVEIRA, G.; NOGUEIRA, L. O efeito do programa saúde nas escolas na qualidade educacional de minas gerais. **Nucleus**, v. 18, n. 1, p. 305-322, 2021.
- COSTA, T. et al. Contribuindo para a educação permanente na saúde mental. **Biológicas & Saúde**, v. 7, n. 23, 2017.
- DANTAS, C. et al. Garantia da saúde mental de trabalhadores de saúde no direito brasileiro em tempos de pandemia. **Conjecturas**, n. 18, p. 72-86, 2022.

FARIA, N.; RODRIGUES, M. Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. **Psicologia Da Educação**, n. 51, p. 85-96, 2020.

GUIMARÃES, M. Gestão participativa na saúde coletiva: caminhos para a efetivação de políticas públicas locais. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, n. 2, p. 1495-1503, 2025.

JORGE, M. et al. **Planejamento estratégico, ferramentas de gestão e tecnologias:** implicações na saúde e tomada de decisões. 2022.

LIMA, I.; ALVES, D.; FUREGATO, A. Indicadores de saúde mental para a rede de atenção psicossocial brasileira: uma proposta. **Revista Latino-Americana De Enfermagem**, v. 30, 2022.

MEDEIROS, R. Psicologia, saúde e território: experiências na atenção básica. **Psicologia Em Estudo**, v. 25, 2020.

OLIVEIRA, F. P. S. L. et al. Percepção de escolares do ensino fundamental sobre o programa saúde na escola: um estudo de caso em belo horizonte, brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2891-2898, 2018.

PRADO, A.; PINTO, L. A trajetória da elaboração de um produto educacional como estratégia de prevenção do suicídio e promoção de saúde mental no ambiente escolar. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 9, n. 21, p. 340-367, 2021.

QUEIROZ, C. Correlação entre a gestão tóxica e o adoecimento mental docente: relatos de casos. **Revista Ibero-Americana De Humanidades Ciências E Educação**, v. 9, n. 9, p. 2868-2886, 2023.

ROGGERO, R.; KUBO, G.; ALMEIDA, S. Ser diretor de escola em tempos de pandemia e seu papel gerencialista na escola como agência multifuncional. **Olhares Revista Do Departamento De Educação Da Unifesp**, v. 9, n. 2, p. 33-52, 2021.

SANTOS, Â.; CUNHA, A.; CERQUEIRA, P. O matricialmente em saúde mental como dispositivo para a formação e gestão do cuidado em saúde. **Physis Revista De Saúde Coletiva**, v. 30, n. 4, 2020.

SANTOS, N. Educação em saúde mental na escola. **Educação E Sociedade Moderna Narrativas Científicas**, v. 3, n. 11, p. 24-34, 2023.

SANTOS, R.; QUEIROZ, P. Oficinas pedagógicas. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, p. e023006, 2023.

SILVA, I. et al. Modelos de gestão em enfermagem na saúde mental: scoping review. **Reme Revista Mineira De Enfermagem**, v. 25, n. 1, 2021.

SOUZA, D.; SILVA, D.; JORGE, M. Cogestão e saúde mental: revisão integrativa sobre os saberes e práticas compartilhadas na rede de saúde. **Research Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e187101321280, 2021.

TAVARES, E.; VICENTIN, M. Relações raciais, uma questão antimanicomial. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores Negros - Abpn**, v. 12, n. Edição Especial, p. 108-137, 2020.